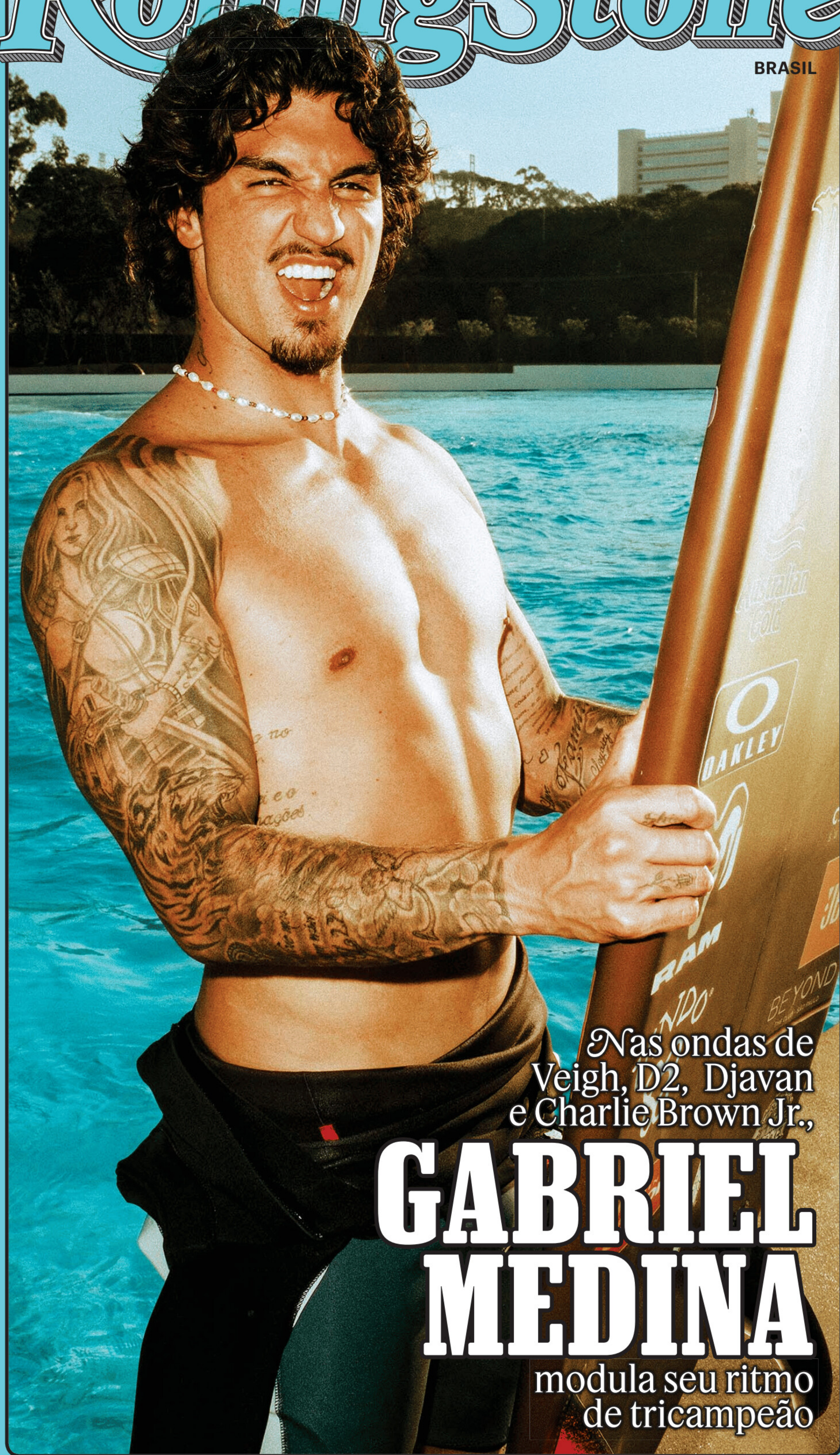


OASIS - JOHNNY MASSARO - THE HIVES

Setembro 25

# Rolling Stone

BRASIL

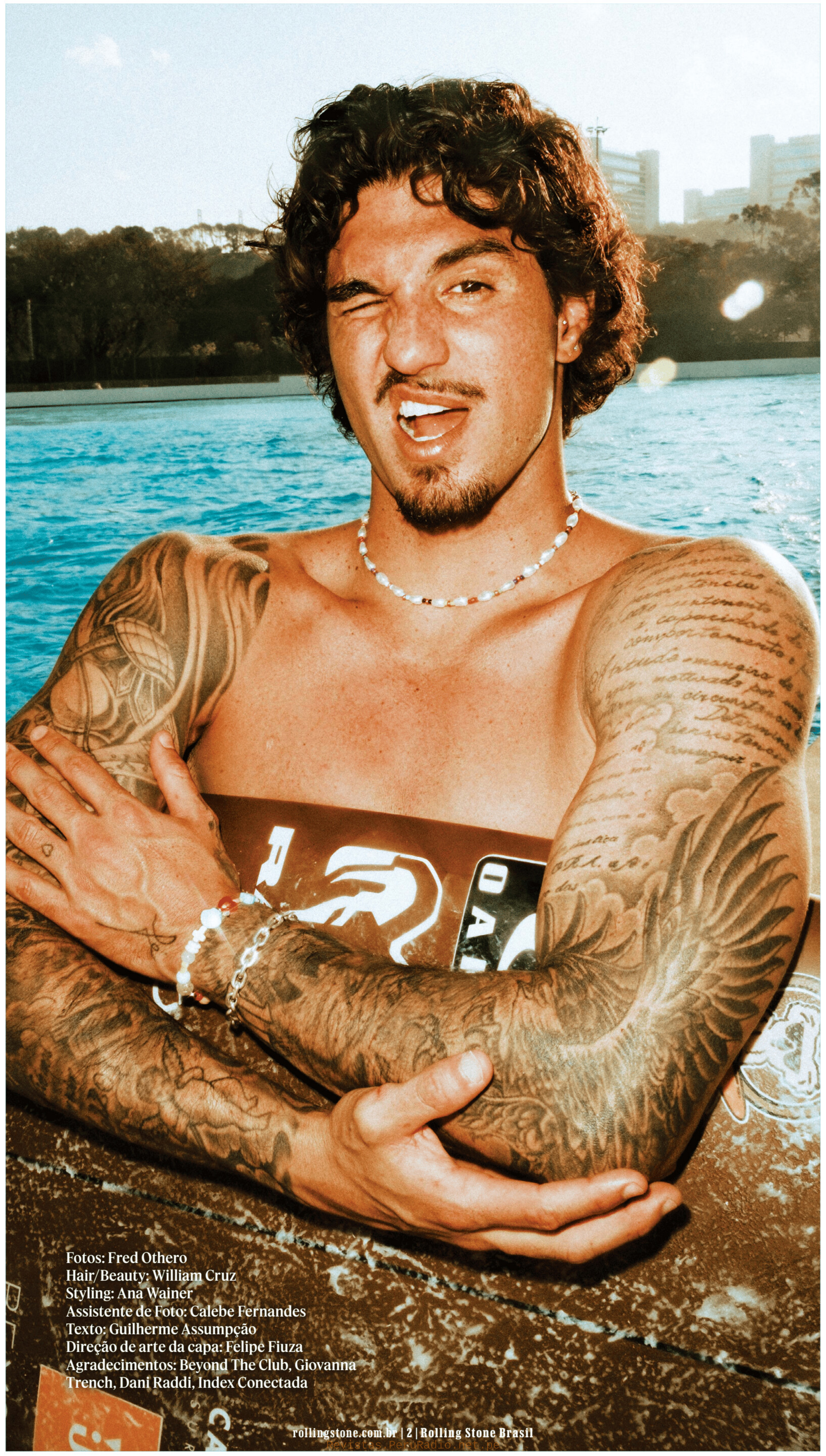


Nas ondas de  
Veigh, D2, Djavan  
e Charlie Brown Jr.,

## GABRIEL MEDINA

modula seu ritmo  
de tricampeão





Fotos: Fred Othero  
Hair/Beauty: William Cruz  
Styling: Ana Wainer  
Assistente de Foto: Calebe Fernandes  
Texto: Guilherme Assumpção  
Direção de arte da capa: Felipe Fiuza  
Agradecimentos: Beyond The Club, Giovanna  
Trench, Dani Raddi, Index Conectada



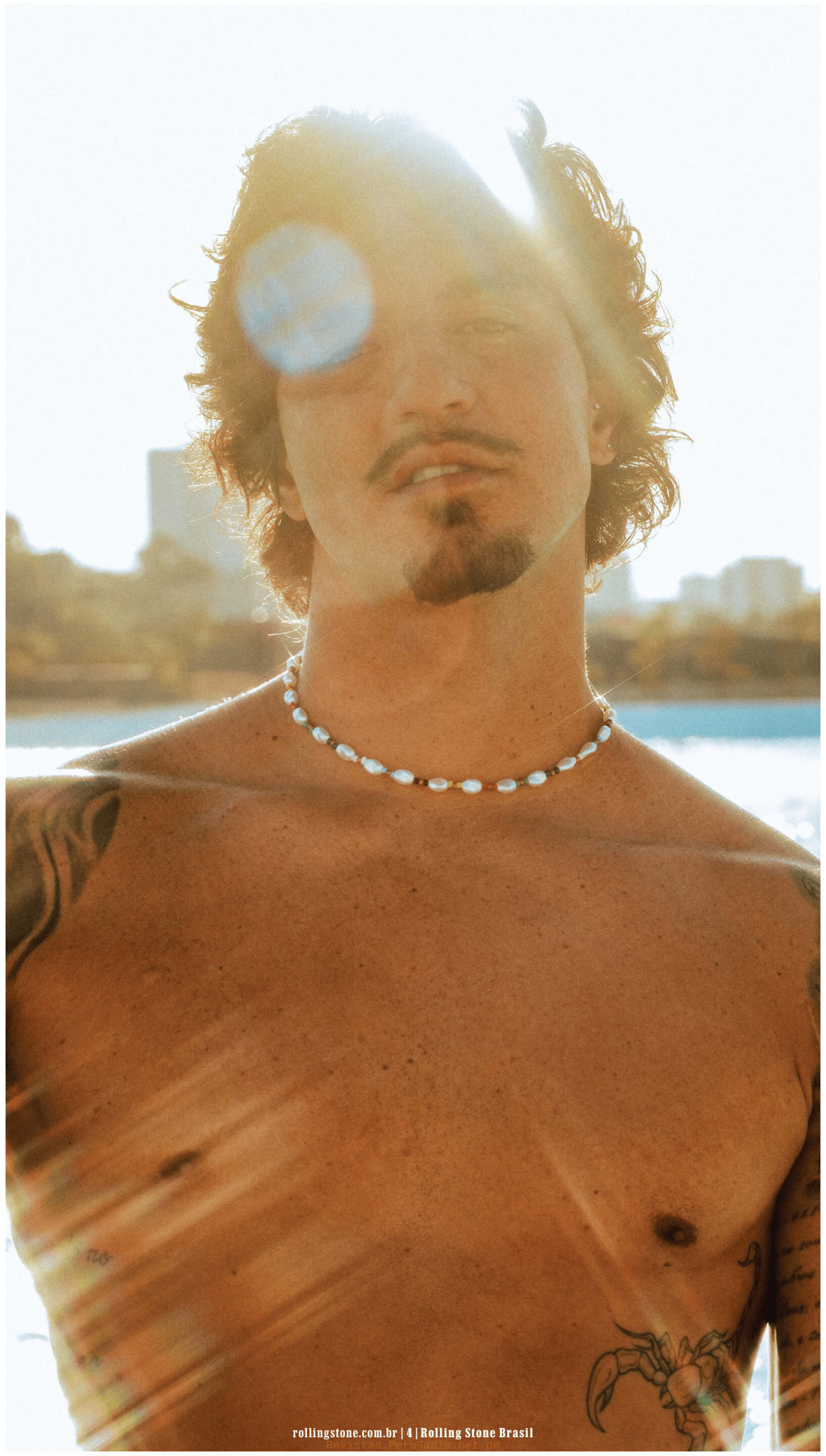
# QUANDO A MÚSICA ENCONTRA O MAR

Em entrevista exclusiva à *Rolling Stone Brasil*, Gabriel Medina, tricampeão mundial de surf, revela como sua playlist eclética o guia nas competições, viagens e recuperação de lesões

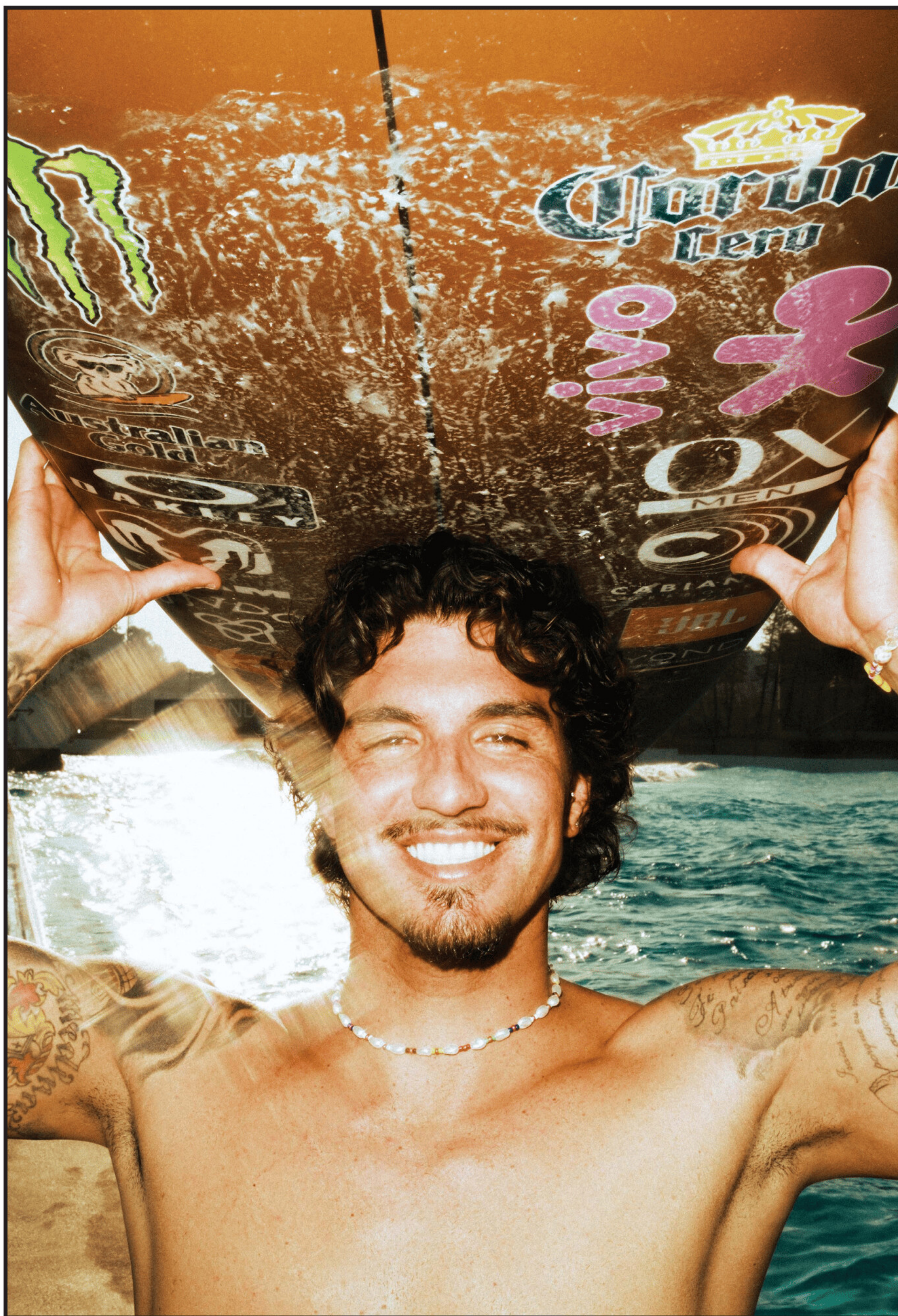
Por **Guilherme Assumpção**

**P**ara Gabriel Medina, a música é mais do que um simples pano de fundo, é parte do próprio oceano. Entre o som das ondas e o silêncio concentrado antes de uma manobra decisiva, ela acompanha cada respiração, cada batida do coração do tricampeão mundial de surfe. O mar tem seu ritmo; Medina, sua trilha sonora. Em sua piscina de ondas no meio da cidade de São Paulo, o medalhista olímpico recebeu a *Rolling Stone Brasil* para um encontro exclusivo. Com jeito sereno e descolado e com o barulho das ondulações ao fundo, o surfista abriu o coração e falou sobre sua relação com a sonoridade que ecoa dos fones de ouvido e que o impulsiona dentro e fora das competições.







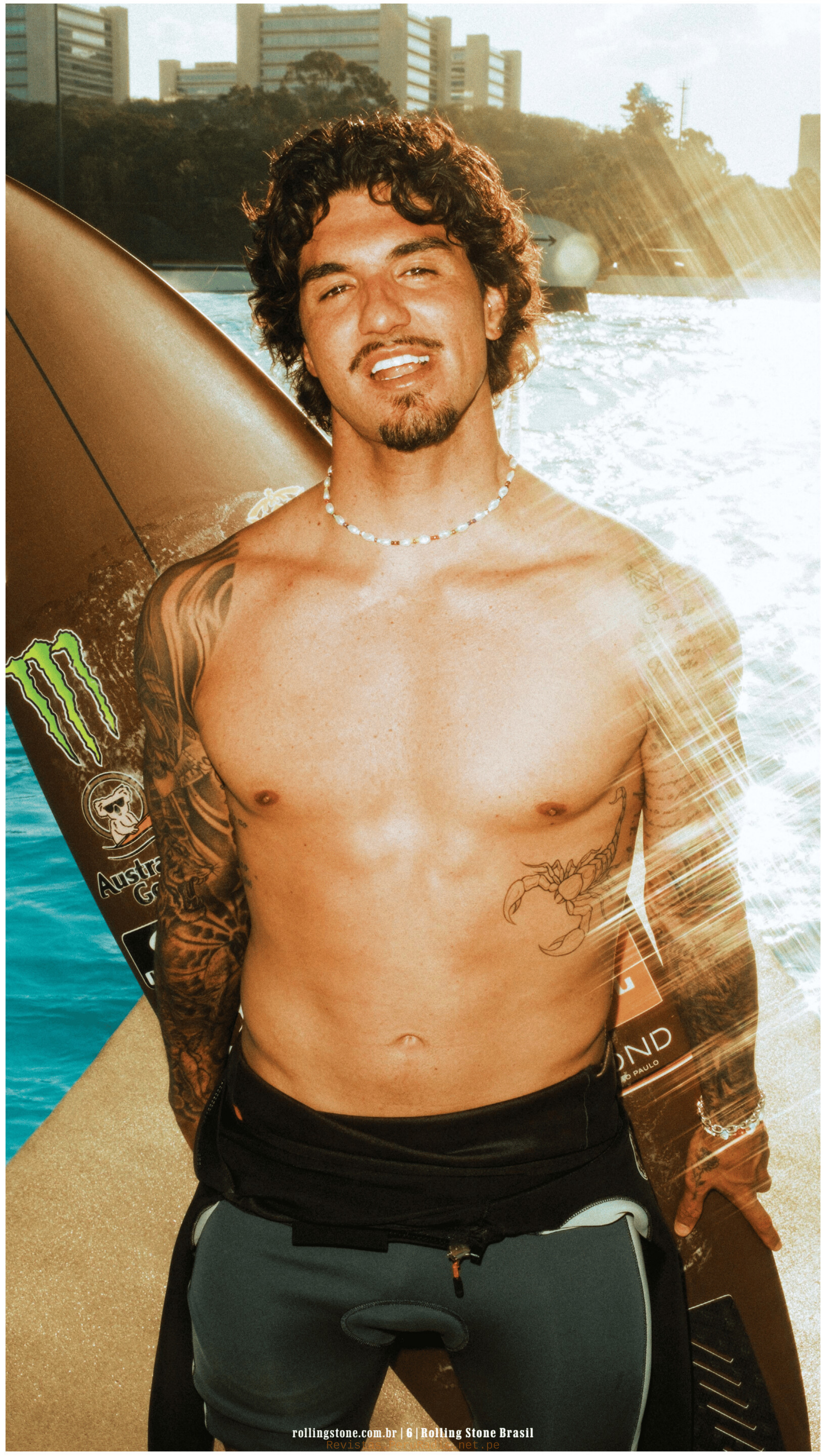


Antes de entrar na água, ele escolhe o que vai ouvir como quem define o tom do dia. Seja no silêncio introspectivo de um treino solitário ou no calor competitivo de uma final em Teahupo'o, no Taiti, a música o ajuda a encontrar o estado mental ideal. Thiaguinho, Veigh, Justin Bieber, Charlie Brown Jr. O gênero importa menos que a vibra-

ção que a faixa traz. "A música faz parte da minha vida", resume Medina, com a serenidade de quem aprendeu a mergulhar fundo em suas emoções através das canções.

A conexão com o som é quase tão mutável quanto o próprio mar. Dependendo do momento, a música pode acalmar, motivar ou incendiar o espírito. É uma espécie de







extensão emocional do atleta: nas vitórias, celebra; nas dificuldades, transforma. “Se você está num dia ruim, o dia se transforma e fica bom. Direto estou competindo, viajando, fone... A música é muito louca, né?! Te traz memórias, também”, conta.

Medina fala com naturalidade sobre como a música se entrelaça às memórias de sua carreira. Existem faixas que marcaram títulos mundiais, etapas vencidas, viradas improváveis. Para ele, cada playlist carrega uma espécie de mapa emocional. A canção certa, no momento certo, vira ferramenta de foco, concentração e até superação. O som, ali, não é distração: é guia. Ditando o tempo da respiração, o ritmo das rasgadas, a altura dos aéreos, o compasso do corpo com a onda.

Mais do que gosto musical, essa relação tem a ver com identidade. Gabriel Medina não se prende a estilos: é eclético como o mar que encara diariamente. “Teve etapas que ganhei escutando Thiaguinho, já ganhei escutando Veigh. Já ganhei escutando Charlie Brown [Jr.], varia muito. É muito de mo-

mento!”, diz. Às vezes, até o silêncio ganha espaço, aquele intervalo entre notas que, como o intervalo entre ondas, carrega significado.

A playlist de Gabriel Medina não é apenas eclética. Ela funciona quase como um espelho de sua personalidade multifacetada. En-

---

**“DIRETO ESTOU  
COMPETINDO,  
VIAJANDO,  
FONE... A MÚSICA  
É MUITO LOUCA,  
NÉ?! TE TRAZ  
MEMÓRIAS,  
TAMBÉM”**

---

tre manobras e vitórias, cada artista que o acompanha nos fones parece traduzir um traço distinto de quem ele é dentro e fora da água. Em Teahupo’o, Linkin Park representa a intensidade e a resiliência do tricampeão nas competições mais exigentes. Assim como







a banda canaliza emoções profundas em forma de potência sonora, o surfista transforma pressão em energia para manobras precisas.

Com Jack Johnson, surge o lado suave e autêntico de Gabriel, o espírito leve, praiano, de quem respeita o mar de Fiji e encontra paz

---

**“TEVE ETAPAS QUE GANHEI ESCUTANDO THIAGUINHO, JÁ GANHEI ESCUTANDO VEIGH. JÁ GANHEI ESCUTANDO CHARLIE BROWN [JR.], VARIA MUITO. É MUITO DE MOMENTO!”**

---

nas rotinas silenciosas de treino e meditação. É a trilha ideal para dias em que menos é mais. Zeca Pagodinho entra como símbolo de um Medina despojado e carismático, que ri fácil, celebra com os amigos em Saquarema e encontra no bom humor uma forma de atravessar

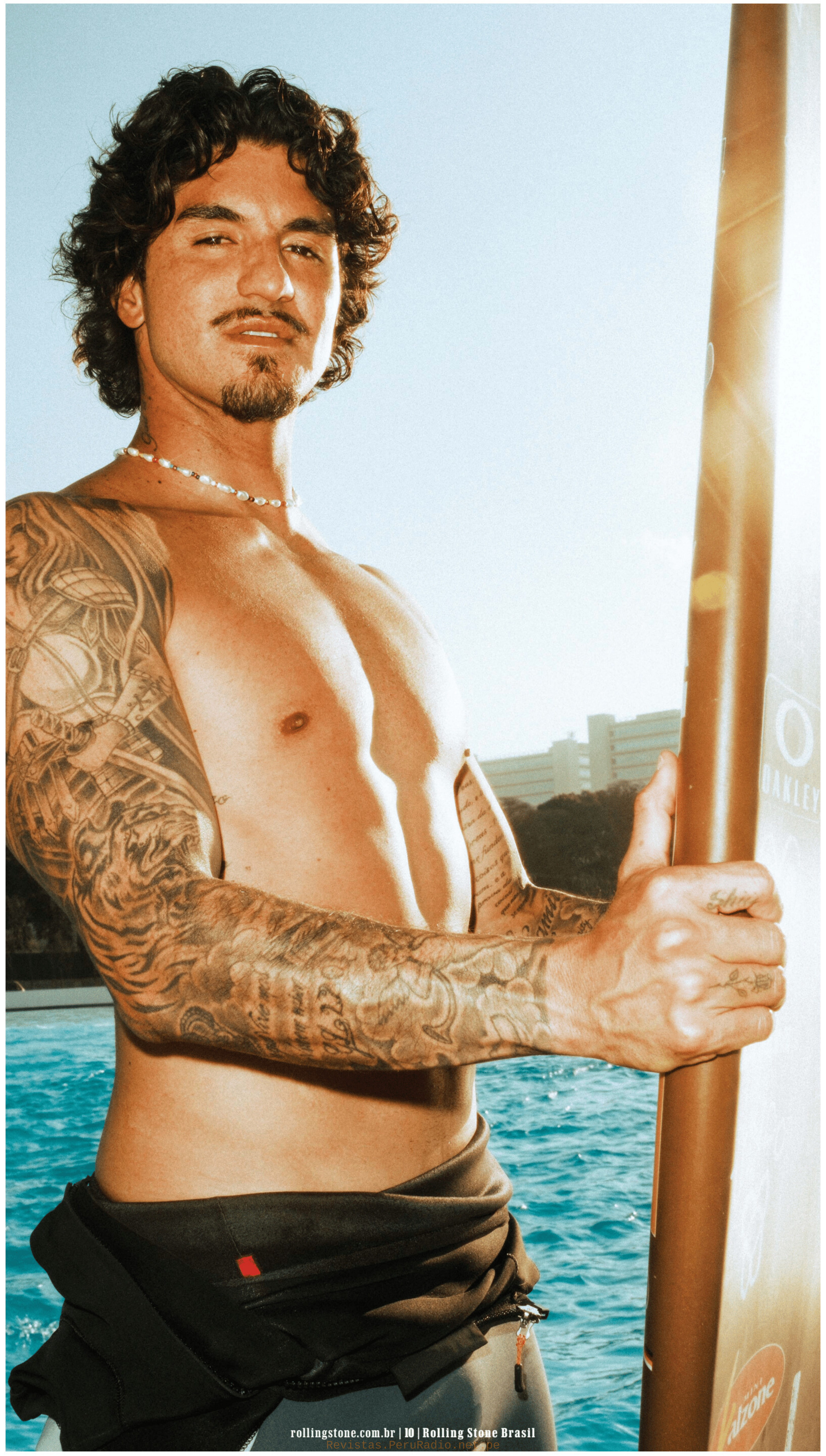
até as fases mais tensas do circuito.

Já com Marcelo D2, Gabriel revela seu lado inovador e combativo nas ondas da Gold Coast, na Austrália. D2 é mistura e posicionamento, traços que refletem a maneira como o medalhista olímpico desafiou padrões e consolidou seu próprio estilo no esporte. Já Dja-van toca em uma camada mais sensível e sofisticada do surfista. É na poesia, nas melodias cuidadosas e nas pausas que ele acessa as memórias mais profundas dos títulos, como em Peniche, Portugal.

Com Charlie Brown Jr., pulsa o tesão que marcou os primeiros anos da carreira. O Gabriel Medina determinado e autêntico se conecta com a banda que falava direto à juventude inconformada, com a mesma energia de quem desafia os rivais no surfe mundial. Ideal para brilhar na onda de Hossegor, na França.

Queen dá o tom do Gabriel grandioso e versátil, capaz de dominar qualquer mar como quem sobe ao palco com uma performance impecável. Assim como fez em Pipeline em 2014, onda havaiana que consagrou o atleta como primeiro cam-







peão mundial brasileiro da história do surfe. Por fim, O Rappa traduz um Medina reflexivo e engajado nas ondas do Beyond The Club, clube do qual é sócio na cidade de São Paulo.

Ele vai além do esporte e entende seu papel como voz ativa para novas gerações. Uma força que inspira, mesmo quando o mar está revolto. Entre um som e outro, entre um drop e uma manobra, a música acompanha Gabriel Medina não como coadjuvante, mas como fio condutor da jornada. Em cada artista, uma parte dele. Em cada faixa há um motivo para seguir. Quem montou a playlist para cada onda foi o próprio Gabriel, a *Rolling Stone Brasil* só apertou o play e deixou a vibe tomar conta.

Essa afinidade com o som também reflete o papel que Gabriel Medina entende exercer como referência. Para muitos jovens, ele é mais que um campeão: é uma inspiração. Se a música foi uma aliada para navegar os altos e baixos da carreira, ela pode também ser-

vir como bússola para quem está começando. O mar, afinal, não vem com manual, mas talvez venha com trilha sonora.

Surfista e música caminham juntos numa sintonia que é, ao mesmo tempo, pessoal e universal. A cada treino, a cada remada, a cada aéreo completado, há um som, ainda que inaudível, acompanhando Medina. Às vezes, é o silêncio após o impacto da onda. Outras, o grito que ecoa entre rochas e pranchas. A música, como o mar, é companheira constante.

No fim das contas, Gabriel Medina quer que seu legado vá além dos títulos. O que ele busca deixar é uma mensagem: encontre o que ama com intensidade, deixe que o som te guie nos dias bons e ruins, e lembre-se de que cada nota pode ser uma vela acesa em meio à tempestade.

Afinal, na vida de Gabriel Medina, música e mar não se separam. Eles respiram, dançam e vencem juntos. 



# 25 MELHORES MÚSICAS DO OASIS

Grandes momentos dos irmãos  
Gallagher — dos clássicos dos  
anos 1990 às joias obscuras



FOTO: JAMES FRY/GETTY IMAGES

“Somos uma  
banda boa para  
caralho”, disse  
o humilde Liam  
Gallagher certa vez





Oasis com Noel Gallagher, Liam Gallagher, Paul "Bonehead" Arthurs, Alan White e Paul "Guigsy" McGuigan na formação

**A**pós uma pausa conturbada de 15 anos, os irmãos Liam e Noel Gallagher retomaram o Oasis. A reunião e, posteriormente, o anúncio da turnê de 2025 levaram os fãs de volta ao catálogo dos pioneiros do britpop, com o *Spotify* relatando um aumento de 690% nas reproduções de músicas da banda. Mas os ouvintes casuais que foram diretamente para os principais álbuns do grupo, *Definitely, Maybe* (1994) e *(What's the Story) Morning Glory?* (1995), têm motivos para lamentar. Eles perdem algumas verdadeiras joias dos irmãos Gallagher, desde singles do final da carreira até uma abundância de lados B da época de ouro da banda — muitos dos quais aparecem em nossa lista das 25 melhores músicas do Oasis. De qualquer forma, “Wonderwall” não fica fora.



### ‘Stand by Me’ (1997)

**25** Principal faixa de *Be Here Now*, esta balada de alto nível começa com uma das letras mais diretas de Noel: “*Made a meal and threw it up on Sunday*” (“Fiz uma refeição e vomitei no domingo”), uma referência a uma crise de intoxicação alimentar que ele alegou ter experimentado. Mas até essa descrição corriqueira está carregada de emoção graças à entrega extraordinária de Liam, que se eleva até o anseio do coro: “*Stand by me/nobody knows the way it’s gonna be*” (“Fique comigo/ninguém sabe como será”). Para dar risada, confira a versão do álbum ao vivo *Familiar to Millions*, onde Liam repreende a produção por cegá-lo com um holofote: “Tire essa luz de mim!” — JOSEPH HUDAK

### ‘The Hindu Times’ (2002)

**24** Qualquer música do Oasis que dê a Liam a oportunidade de cantar as palavras “*high*” (“alto”) e “*sunshine*” (“brilho do sol”) é uma boa música, mesmo que o título deste single de *Heathen Chemistry* seja um pouco questionável. Mas com certeza ela é um grande rock, e uma das faixas mais cheias de atitude do grupo nos anos 2000. “*I do believe I got flair/I got speed and I walk on air*” (“Eu realmente acredito que tenho estilo/Eu tenho velocidade e ando no ar”), Liam se gaba no primeiro verso, imediatamente lembrando aqueles que possam ter esquecido que ele é, de fato, uma estrela do rock ‘n’ roll. — J.H.

### ‘Lyla’ (2005)

**23** A piada de longa data de Noel aqui é que Lyla, o foco deste single de *Don’t Believe the Truth* (2005), é irmã de Sally de “Don’t Look Back in Anger”, uma daquelas curiosidades divertidas e sem sentido dos fãs que mistura a história do Oasis com suas linhas do tempo. Mas, deixando as alusões de lado, o destaque da música é sua imensa qualidade de rock de estádio ao ar livre — com guitarras estrondosas, vocais elevados e uma percussão que marca a estreia de Zak Richard Starkey, filho de Ringo Starr, que já havia tocado com The Who antes de substituir o baterista Alan White. O resultado é uma das faixas mais animadas e orientadas ao pop no catálogo da banda, ao ponto de Noel chamá-la de “uma música para pular”. — JULYSSA LOPEZ

### ‘Shakermaker’ (1994)

**22** O segundo single que o Oasis lançou, “Shakermaker” (1994), também foi a primeira de várias músicas que colocaram a banda em apuros judiciais devido às tendências “pássaro-ladrão” de Noel, já que sua melodia tinha uma semelhança impressionante com “I’d Like to Teach the World to Sing”, jingle da Coca-Cola dos anos 1970. Embora a música tenha sido um hit número 11 no Reino Unido, graças às suas guitarras pesadas e ao vocal deliciosamente sarcástico de Liam, Oasis não viu muito lucro líquido com ela. Uma ação por plágio movida pela empresa de refrigerantes levou a banda a chegar a um acordo por um valor de aproximadamente meio milhão de dólares. — D.E.



Apesar das constantes  
brigas, Noel e Liam  
Gallagher formaram  
uma das maiores bandas  
do rock dos anos 1990

FOTO: MICHEL LINSEN/REDFERNS



### ‘She’s Electric’ (1995)

**21** Noel Gallagher deu uma de suas melodias mais doces e inspiradas em McCartney para esta música do *Morning Glory*, e Liam entrou no clima, trocando seu habitual desprezo por um falsete cativante no refrão. Se os singles do segundo álbum do Oasis mostraram o quão grandes eles poderiam ser, essa faixa do álbum — não uma grande balada ou um rock grandioso, mas uma história doce sobre uma garota, seu irmão, sua mãe e seus doze primos — mostrou que eles também tinham um lado surpreendentemente delicado. E se eles simplesmente plagiaram o final de “With a Little Help from My Friends”? Bem, às vezes o amor é roubo. — SIMON VOZICK-LEVINSON

### ‘I Am the Walrus’ (1994)

**20** O Oasis levou sua obsessão pelos Beatles a conclusões lógicas com vários covers — de algum modo, eles conseguiram tornar “Octopus’s Garden” tolerável — mas somos mais fãs dessa faixa ao vivo, que os fãs mais fiéis sempre adoraram. Os tempos estão acelerados enquanto as guitarras em camadas dão uma sensação de profundidade à produção. E você pode ouvir o raro “falsete de Liam”. Para ser justo, “*Sitting in an English garden waiting for the sun*” (“Sentado em um jardim inglês esperando pelo sol”) facilmente poderia ser uma letra do Oasis. — JASON NEWMAN

### ‘Talk Tonight’ (1995)

**19** Após uma “performance” catastrófica e impulsionada por metanfetamina durante a primeira turnê dos Oasis nos Estados Unidos em 1994, Noel Gallagher voou para São Francisco, determinado a deixar a banda. Ele procurou uma mulher que havia conhecido nos bastidores de um show e sentou-se em seu apartamento, completamente angustiado, enquanto ela simplesmente o ouvia até tarde da noite. Depois disso, escreveu “Talk Tonight”, exemplo comovente de como o sarcasmo de Noel se transforma em sinceridade e ternura, enquanto o corte acústico reduz o vigor habitual da banda a uma vulnerabilidade pura e dolorosa. É facilmente um dos melhores lados B do Oasis — uma homenagem despojada a ter alguém ao seu lado nos momentos mais baixos. — J.L.

### ‘Stay Young’ (1997)

**18** “*Hey, stay young, and invincible!*” (“Ei, fique jovem e invencível!”), Liam ordena nesta saudação ao processo de crescer e envelhecer. Mas, embora o vocalista venda perfeitamente o apelo da juventude, isso nunca foi suficiente para Noel, que afirmou não gostar da música. Na verdade, após escrevê-la para *Be Here Now*, ele a descartou e a colocou no single de “D’You Know What I Mean?” como lado B. Mesmo assim, os fãs continuam felizes por esse parente lírico de “Live Forever” existir. — J.H.



COLETIVA  
Enquanto Liam  
ajeita o microfone,  
Noel roe as unhas  
em pose distraída



### ‘Morning Glory’ (1995)

**17** “*All your dreams are made/  
When you’re chained to the  
mirror and the razor blade*”  
 (“Todos os seus sonhos são feitos/  
Quando você está preso ao espelho e  
à lâmina de barbear”), grita Liam em  
“Morning Glory”, resmungo sobre o  
lado sombrio da dependência de co-  
caína, que, por mais que tenha um  
toque de hipocrisia vindo dos irmãos  
Gallagher em 1995, é inegavelmente  
impactante. A música fica em algum  
ponto entre *Document*, do R.E.M., e  
*Revolver*, dos Beatles, o tipo de mistu-  
ra brilhante e despreocupada de rock  
& roll que o Oasis fazia com facilidade  
e frequência. As guitarras soam como  
se tivessem passado a noite toda chei-  
rando e lamentando. — J. D.

### ‘Don’t Go Away’ (1997)

**16** “Don’t Go Away” muda  
da névoa de cocaína e  
do excesso maníaco de  
*Be Here Now* para um momento  
de beleza sincera — uma gran-  
de e bonita música de ritmo  
médio sobre tentar entender a  
perda pessoal. A banda já tinha  
a canção desde antes da fama,  
mas ela ficou guardada, tal-  
vez porque o tom reflexivo não  
combinava com a atitude arro-  
gante de suas outras músicas  
na época. Porém, ela adiciona  
um peso sofrido ao clima de es-  
trela do rock amargurada de *Be  
Here Now*, e hoje ressoa como  
um dos picos de suas grandes  
baladas. — JON DOLAN





Além do vocal rouco e estridente, Liam tem o pandeiro meia lua como marca nos shows

### ‘Little by Little’ (2002)

**15** Enquanto os clichês de Noel Gallagher, após quatro garrafas de cerveja, tomaram um rumo notavelmente zen depois de ele passar um mês na Tailândia em 19997, ele canta: “*We don’t claim to be perfect but we’re free*” (“Não afirmamos ser perfeitos, mas somos livres”) e “*Fading like the stars we wish to be*” (“Enfraquecendo como as estrelas que gostaríamos de ser”). Mas depois do balanço em tom menor como o Pink Floyd, o refrão volta ao único nirvana que o Oasis conhece: uma melodia maior que a vida sobre manter a cabeça erguido quando o mundo vai para o inferno. Segundo Noel, o irmão teve dificuldades com a parte vocal, então ele mesmo tentou cantar. “Você podia ver Liam sentado na mesa, dizendo: ‘Filho da p\*ta. Ele conseguiu.’” Anos depois, o sempre humilde Liam tuitou: “Eu posso e vou cantar melhor do que Noel qualquer música que ele, mesmo se eu leve um chute nas bolas.” — SARAH GRANT



### ‘Roll With It’ (1995)

**14** Noel mais tarde definiria o single de *Morning Glory* como “m\*rda”, mas discordamos respeitosamente. O andamento médio evoca visões do músico tocando *Revolver*, enquanto Liam entoa as letras “B” e “D” como ninguém — “*Don’t ever BEEEDENied*” (“Nuncasejadenegado”). A imprensa musical, eufórica, colocou “Roll With It” contra “Country House”, do Blur, como ambas as músicas foram lançadas na mesma semana, resultando na “Batalha do Britpop” (Blur venceu essa rodada). — JASON NEWMAN

### ‘D’You Know What I Mean?’ (1997)

**13** A arrogância dos Gallagher após o mega sucesso de (*What’s the Story*) *Morning Glory*? era tanta que escolheram uma música de quase oito minutos com sons invertidos e toneladas de retorno para ser o primeiro single de rádio de *Be Here Now* (1997). E ninguém os impediu. Em retrospectiva, “D’You Know What I Mean?” foi a música certa para anunciar um álbum tão inchado e barulhento, mas, ao contrário de todo o *Be Here Now*, essa canção se mantém. Embora possa faltar a melodia de “Wonderwall”, o hino compensa com ameaças e atitude — a combinação perfeita para o volátil vocalista do Oasis. — JOSEPH HUDAK

### ‘Whatever’ (1994)

**12** Claro, eles podem ter roubado a melodia de “How Sweet to Be an Idiot”, pop

britânico de 1973 de Neil Innes, mas tanto faz. O primeiro single que não fez parte de um álbum do Oasis é sustentado pela London Session Orchestra, cujas cordas dão um toque de classe à música e equilibram as declarações desafiadoras de Liam sobre ser “livreeeee para ser o que eu quiser” (“*freeeeeeee to be whatever I want*”). Três anos depois, Royal Philharmonic Orchestra faria uma versão famosa e terrível das músicas do grupo para um álbum, mas ignore esse detalhe e apenas ouça essa música várias vezes. — J.N.

### ‘Slide Away’ (1994)

**11** Apesar da arrogância provocativa de Noel, no fundo, ele tem o coração mole (a música “Talk Tonight” já reduziu os caras mais durões a pedaços). A penúltima faixa de *Definitely Maybe* descreve o turbulento relacionamento do músico com sua namorada na época. “*I dream of you — we talk of growing old*” (“Eu sonho com você — falamos sobre envelhecer juntos”), Liam canta, antes de adicionar a devastadora resposta: “*But you said please don’t!*” (“Mas você disse, por favor, não faça isso!”). Todas as músicas, é claro, estão abertas à interpretação. Exemplo número um: a fã do Oasis que diz ter uma tatuagem na lombar escrito, “*Slide in, baby/Together we’ll fly*” (Deslize para dentro, bebê/Juntos vamos voar”). Amor é amor. — J.N.



“Acquiesce”, “Rock ‘n’ Roll Star”, “Wonderwall” e “Champagne Supernova” foram alguns dos hits do Oasis escritos por Noel

FOTO: ROBERTA PARKIN/REDFERNS/GETTY IMAGES



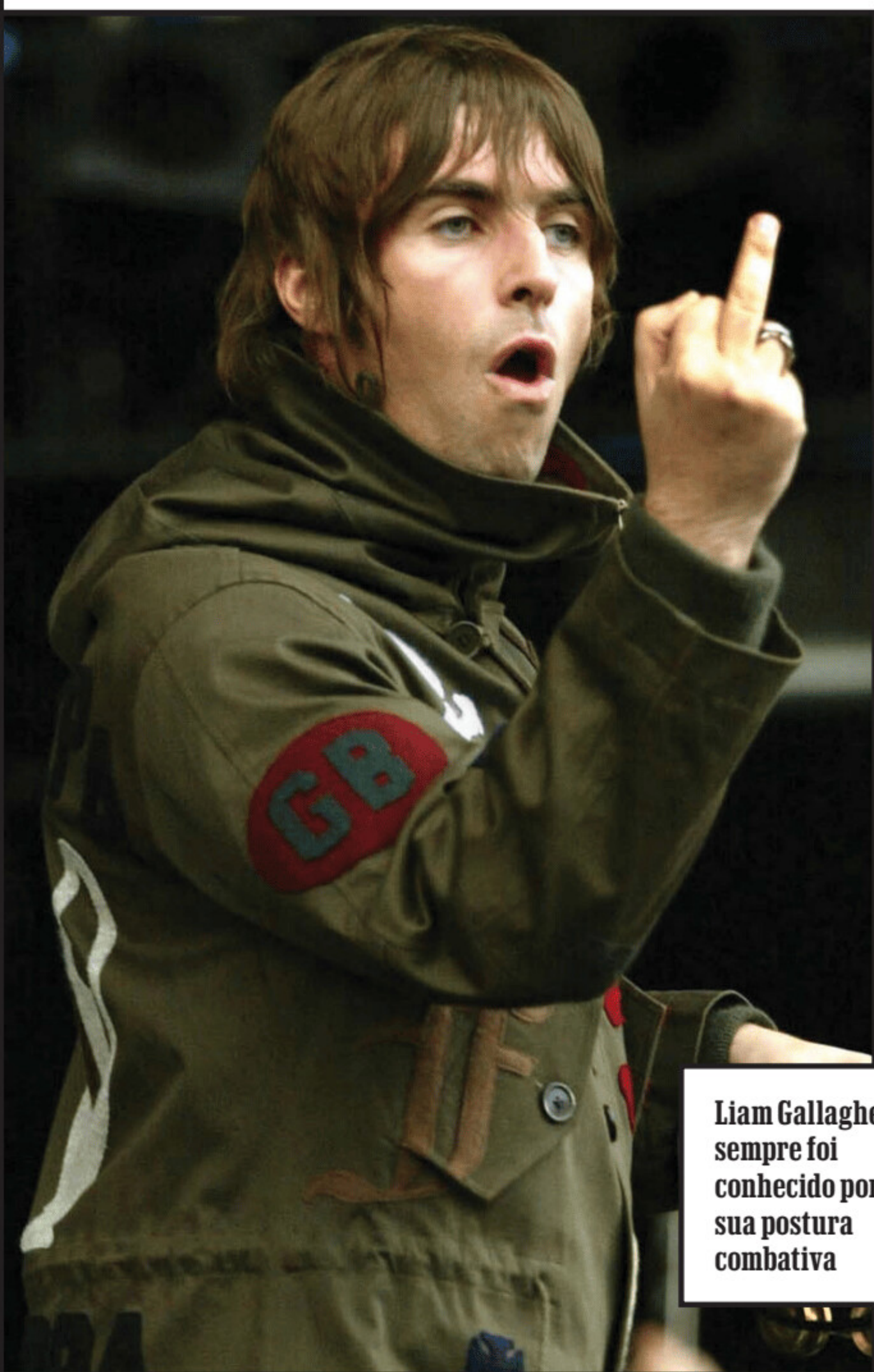
### ‘Some Might Say’ (1995)

**10** O primeiro single número um do Oasis no Reino Unido começou como uma demo de Noel mais lenta, pesada e, nas palavras dele, “mais vulgar” do que a versão de (*What’s the Story*) *Morning Glory?*. A versão lançada para o mundo adicionou o brilho do britpop que fez dela uma combinação perfeita da atitude dos Stones com o charme à la Beatles. A letra é tão estranhamente boba quanto qualquer música do Oasis, mas o coro arrebatador “*some might say we will find a brighter day*” (alguns podem dizer que encontraremos um dia mais brilhante”) pegou em cheio na Inglaterra após 16 longos anos de governo conservador. “Oasis estava no topo das paradas, acho que ‘Some Might Say’ tinha acabado de alcançar o número um”, lembrou o veterano jornalista britânico e historiador John Savage no documentário *Live Forever: The Rise and Fall of Britpop*. “E eu me lembro de assisti-los e simplesmente chorar. Pensei: ‘Algo realmente está mudando aqui.’” — J.D.

### ‘Rock ‘n’ Roll Star’ (1994)

**9** Para a maioria do mundo, no verão de 1994, os irmãos Gallagher eram ninguém. Mas, quando a primeira faixa de *Definitely Maybe* terminou, eles eram estrelas do rock. A música de abertura do álbum de estreia do Oasis estabeleceu todas as regras básicas para a banda: os riffs seriam grandes, as letras simples o suficiente para serem lembradas no final da noite e, de alguma forma, tudo pareceria verdade. Quando Liam cantou sobre viver sua vida entre as estrelas, ele tocou um acorde

que continua ressoando por 30 anos em sessões de karaokê e playlists de viagens de carro. A chave está na palavra “*tonight*” (“hoje à noite”) — quando você aumenta o volume dessa música, você também se torna uma estrela. — SIMON VOZICK-LEVINSON

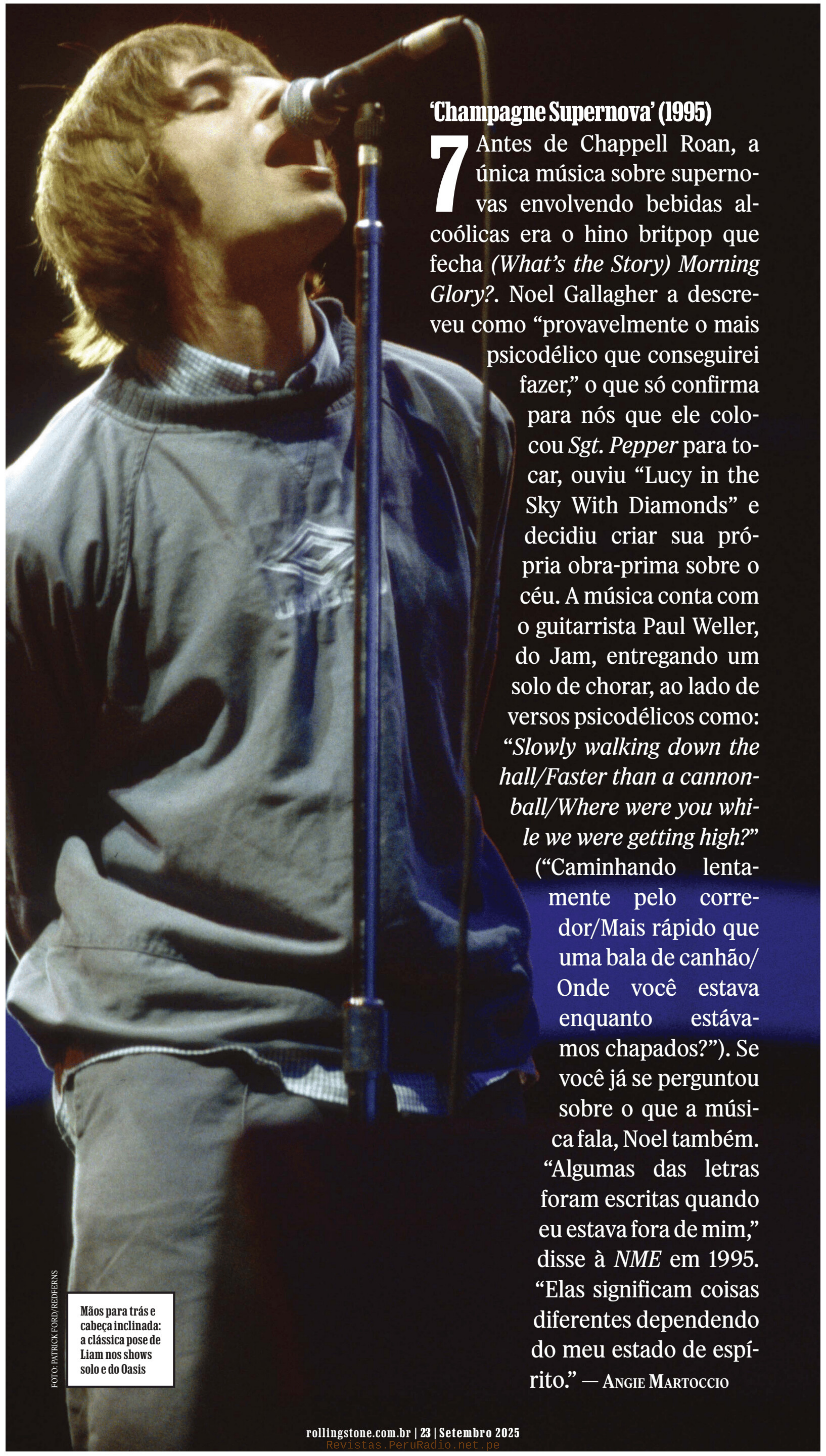


Liam Gallagher sempre foi conhecido por sua postura combativa

### ‘The Masterplan’ (1995)

**8** “Acho que é a melhor música que já escrevi,” disse Noel Gallagher à *NME* sobre esse adorado lado B de “Wonderwall”. Cantada por Noel e com a participação de uma orquestra, essa é uma obra-prima do irmão mais velho, uma balada crescente sobre como, no final das contas, realmente não há um plano para a existência. “Isso resume sua jornada pela vida,” disse ele nas notas do encarte da compilação *The Masterplan*. “Tudo o que sabemos é que não sabemos.” Muitos fãs dos EUA tiveram seu primeiro contato com a música quando Noel a tocou em 1996 no *MTV Unplugged* — episódio que Liam pulou. — J.H.





## 'Champagne Supernova' (1995)

**7** Antes de Chappell Roan, a única música sobre supernovas envolvendo bebidas alcoólicas era o hino britpop que fecha (*What's the Story*) *Morning Glory*?. Noel Gallagher a descreveu como “provavelmente o mais psicodélico que conseguirei

fazer,” o que só confirma para nós que ele colocou *Sgt. Pepper* para tocar, ouviu “Lucy in the Sky With Diamonds” e decidiu criar sua própria obra-prima sobre o céu. A música conta com o guitarrista Paul Weller, do Jam, entregando um solo de chorar, ao lado de versos psicodélicos como: “*Slowly walking down the hall/Faster than a cannonball/Where were you while we were getting high?*”

(“Caminhando lentamente pelo corredor/Mais rápido que uma bala de canhão/Onde você estava enquanto estávamos chapados?”). Se você já se perguntou sobre o que a música fala, Noel também. “Algumas das letras foram escritas quando eu estava fora de mim,” disse à *NME* em 1995. “Elas significam coisas diferentes dependendo do meu estado de espírito.” — ANGIE MARTOCCIO



## ‘Cigarettes & Alcohol’ (1994)

**6** Talvez essa seja a imitação de Liam do cantor do Sex Pistols, Johnny Rotten — mas “Cigarettes & Alcohol” parece estar em sintonia com algumas das principais ofertas do punk (além do riff de Chuck Berry que a banda T. Rex roubou). Mas isso não é exatamente como “No Future”, dos Sex Pistols. O futuro está claramente delineado aqui — é apenas preenchido com sonhos impossíveis e péssimos empregos (se você conseguir um). Então, é “melhor fazer a fileira branca” (“*Might as well do the white line*”). Isso faz de “Cigarettes & Alcohol” uma espécie de celebração das emoções baratas que diminuem a expectativa de vida, um “sem futuro” próprio. Mas a música vive plena na gloriosa autodestruição do presente. Isso é uma maneira “saudável” de viver? Uma maneira “boa” de viver? Provavelmente não. Mas é rock? Bem, sim. — JON BLISTEIN

## ‘Acquiesce’ (1995)

**5** A melhor das faixas lado B do Oasis? Nós certamente achamos que sim. Gravada durante as sessões de (*What’s the Story*) *Morning Glory?*, “Acquiesce” ficou fora do álbum de 1995, aparecendo em vez disso como complemento do single “Some Might Say” no Reino Unido. Embora tenha sido lançada posteriormente na compilação de 1998 *The Masterplan*, o legado da música vai muito mais longe. Para muitos fãs, é a colaboração definitiva Liam/Noel, com o caçula esnobando os versos e o irmão mais velho cuidando do coro com a mensagem de unidade: “*Because we need each other/We believe in one another*” (“Porque precisamos uns dos outros/Acreditamos uns nos outros”). Eles podem ter estado muitas vezes um contra o outro, mas em “Acquiesce” os Gallagher estão em perfeita harmonia. — J.H.



Da esq. para dir.:  
Bonehead, Liam  
Gallagher, Noel  
Gallagher, Tony  
McCarroll e Guigsy

FOTO: JAMES FRY/GETTY IMAGES



## 'Wonderwall' (1995)

**4** “Que p\*rra de afinação é essa?” foi a resposta de Liam Gallagher ao ouvir a nova música de Noel em maio de 1995, uma balada emocionante que ele supostamente escreveu para sua namorada da época. Três décadas depois, “Wonderwall” é um clássico do rock com mais de dois bilhões de reproduções no *Spotify*, e inspiração de covers no mundo

todo, de Ed Sheeran a Paul Anka. Liam já se acostumou com ela, enquanto Noel ainda tem sentimentos mistos. “Você toca os primeiros três segundos e todo mundo vai: ‘Certo, é isso que viemos ouvir,’” ele disse à *Rolling Stone* em 2019. “Todos os grandes artistas têm uma dessas músicas. Eu tenho sorte de ter cinco. E é engraçado, não é minha favorita de jeito nenhum”. — ANGIE MARTOCCIO



FOTO: NIELS VAN IPEREN/GETTY IMAGES

De uma família da classe trabalhadora, os irmãos Gallagher fizeram sucesso mundial rapidamente



## Supersonic' (1994)

**3** Em uma entrevista para a revista *Mojo*, Noel Gallagher resumiu a atitude do Oasis no início da carreira em 1994: “Vamos enfrentar o U2. É isso que minha banda almeja. Eu não dou a mínima para Felt ou Ned’s Atomic Dustbin. Quero algo maior que isso.” Nunca o desinteresse por Ned’s Atomic Dustbin soou tão épico quanto em “Supersonic”, com seu sarcasmo no estilo John Lennon se encontrando com Johnny Rotten, uma avalanche de guitarras e a gloriosa decla-

ração: “*I need to be myself/I can’t be no one else*” (“Eu preciso ser eu mesmo/Eu não posso ser mais ninguém”). Noel afirma que a escreveu em meia hora, transformando linhas desconexas como “*I’m feeling supersonic / Give me gin and tonic*” (“Estou me sentindo supersônico/Me dê gim e tônica”) e “*I know a girl called Elsa / She’s into Alka-Seltzer*” (“Eu conheço uma garota chamada Elsa/Ela gosta de aspirina”) em algo que parecia tocado pelos deuses do rock, que logo estariam recebendo o Oasis em seu panteão. — JON DOLAN

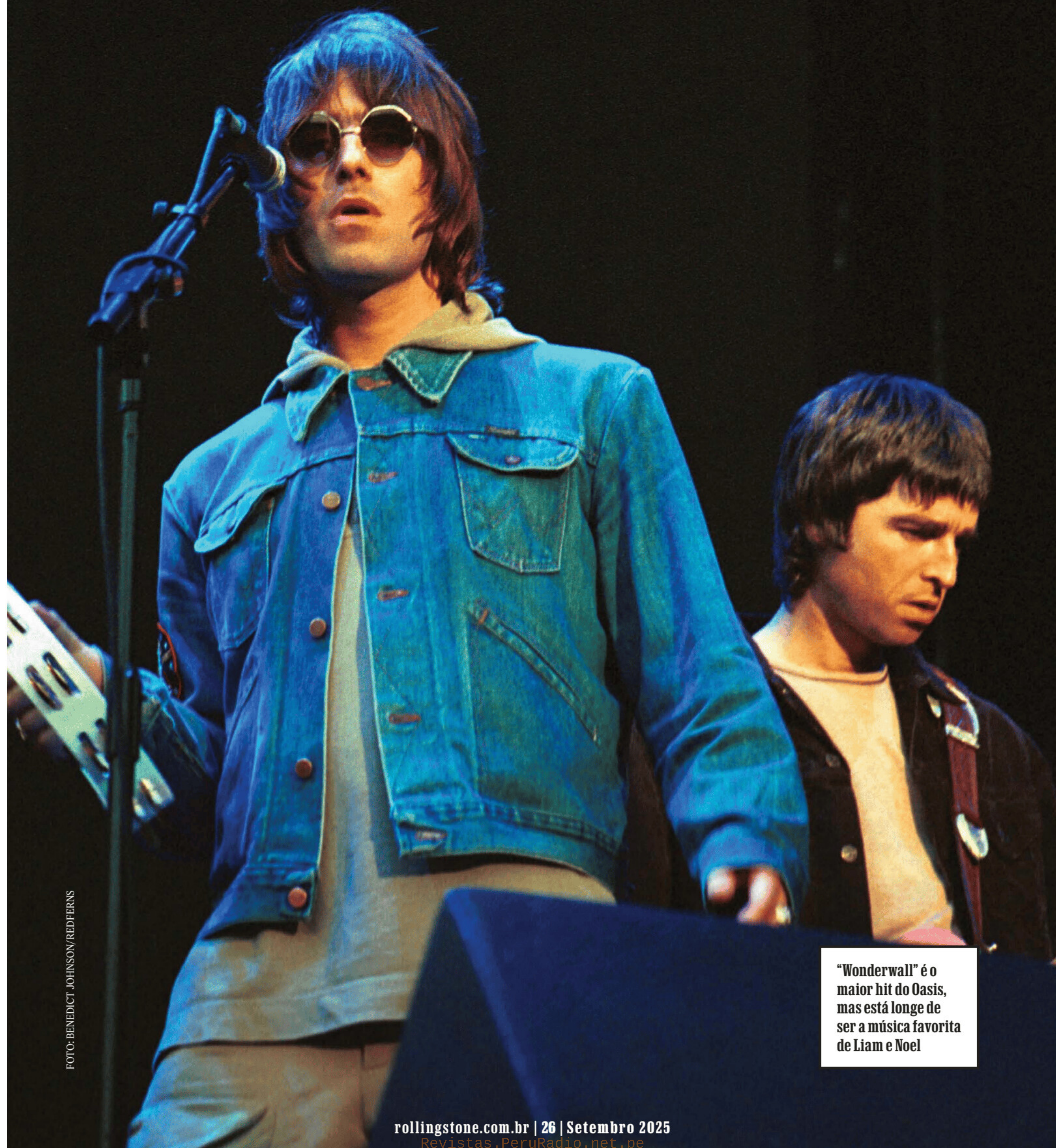


FOTO: BENEDICT JOHNSON/REDFERNS

“Wonderwall” é o maior hit do Oasis, mas está longe de ser a música favorita de Liam e Noel





“Acho que é a  
melhor música que  
já escrevi”, disse  
Noel à NME sobre  
“The Masterplan”

## ‘Live Forever’ (1994)

**2** Se você nunca se sentiu assim por um amigo, companheiro de banda, amante ou até um completo desconhecido brindando com você na sua quarta dose da noite, será que você pode realmente dizer que viveu? “*Maybe you’re the same as me/We see things they’ll never see/You and I are gonna live forever*” (“Talvez você seja igual a mim/Nós vemos coisas que eles nunca verão/Você e eu viveremos para sempre”). Noel desbloqueou a intensidade absurda e romântica de tantas noites de adolescência

tardia quando escreveu esses versos. Milhões de jovens impressionados ouviram os irmãos Gallagher reivindicando uma sabedoria secreta sobre o mundo e gritaram: “Sim!” Alguns até começaram suas próprias bandas para expressar essas mesmas coisas. Mas nenhum deles escreveu uma música que tenha chegado perto do nível de “Live Forever”. — SIMON VOZICK-LEVINSON



# I

## ‘Don’t Look Back in Anger’ (1995)

“Wonderwall” tem os memes, o karaokê e a imortalidade. Mas, no pódio do Oasis, uma música supera todas as outras. “Don’t Look Back in Anger” é a banda em seu ponto ideal: uma balada poderosa, que fica ainda melhor se cantada no meio de um abraço, construída a partir de uma adoração descarada pelos Beatles, mas ainda assim algo único e belo. E astuta o suficiente para saber: *“Please don’t put your life in the hands / Of a rock ‘n’ roll band / Who’ll throw it all away”* (“Por favor, não coloque sua vida nas mãos/De uma banda de rock ‘n’ roll/Que jogará tudo fora”). Então, há a outra ressonância óbvia. “Don’t Look Back in Anger” é uma música que valoriza aceitação e perdão, seguir em frente na vida sem arrependimento ou ressentimento. Ela oferece uma maneira de viver que Noel e Liam Gallagher provavelmente deveriam ter seguido anos atrás, e talvez eles tenham finalmente feito isso. — JON BLISTEIN



FOTO: JAMES FRY/GETTY IMAGES

Quando a primeira faixa de *Definitely Maybe* terminou, Oasis se tornou ícone instantâneo do rock



A portrait of actor Johnny Massaro with curly brown hair, wearing a dark blue suit, white shirt, and dark tie. He is looking slightly to the left with a serious expression. The background is blurred, showing warm indoor lighting.

# “VIVER LIVREMENTE ME FAZ SER UM ARTISTA MELHOR”

Johnny Massaro fala sobre identidade, liberdade, os desafios de interpretar Fernando em *Máscaras de Oxigênio Não Cairão Automaticamente* e a importância de dar voz a protagonistas LGBTQIA+

Por **Angelo Cordeiro**

*Máscaras de Oxigênio Não Cairão Automaticamente* foi lançada em agosto na HBO e HBO Max



Johnny Massaro  
interpreta Fernando,  
um dos protagonistas  
do seriado



**E**m agosto, Johnny Massaro esteve nos estúdios da *Rolling Stone Brasil* para falar sobre *Máscaras de Oxigênio Não Cairão Automaticamente*, série da HBO que retrata a epidemia de HIV no Brasil nos anos 1980. Na trama, o ator interpreta Fernando, comissário de bordo que contrabandeia AZT para pacientes com aids, quando o medicamento ainda não era permitido no país.

Com direção de Marcelo Gomes e Carol Minêm e roteiros de Patricia Corso e Leonardo Moreira, a série de cinco episódios, que também está disponível no catálogo da HBO Max, aborda coragem, amizade e luta pela vida. Nesta entrevista, Massaro comenta a preparação para o papel, o contato com a história real e os avanços da TV brasileira na representação de protagonistas LGBTQIA+.





**Johnny Massaro divide elenco com Ícaro Silva (acima), Carla Ribas, Eli Ferreira e Bruna Linzmeyer (abaixo)**





***A série dá voz a protagonistas LGBTQIA+, historicamente negligenciados. Qual a importância de levar essas histórias à TV brasileira hoje?***

Gosto de uma frase da Marcinha Rachid, nossa consultora de aids e HIV: “A arte é um caminho seguro para transformar como as pessoas veem o mundo”. Precisamos atualizar a percepção sobre viver com HIV. Hoje, quem está em tratamento tem expectativa de vida igual ou maior que quem não vive com o vírus, e não transmite a doença. Ainda assim, cerca de 10 mil pessoas morrem por preconceito e desinformação. A série cumpre esse papel e celebra a vida.

***Como você acredita que a série contribui para a reflexão sobre os direitos da comunidade LGBTQIA+ e o acesso à saúde no Brasil hoje?***

A série mostra um momento em que o remédio ainda não era permitido no Brasil, e meu personagem contrabandeia essas medicações. É um contraste enorme com hoje, 40 anos depois, quando o SUS garante acesso total e gratuito para quem vive com HIV ou quer se prevenir, incluindo PrEP, PEP e até camisinha — algo único no mundo. Quero saudar esses profissionais e o Sistema Público. Muitas vezes, o medo vem do desconhecido; conhecer é deixar de temer.

Bruna Linzmeyer viveu Lea em *Máscaras de Oxigênio Não Cairão Automaticamente*



FOTO: DIVULGAÇÃO HBO



***Você sente que a televisão brasileira avançou na forma de representar a comunidade LGBTQIA+ desde os seus primeiros trabalhos?***

Seria incoerente dizer que não. Comecei a atuar aos 12 anos, e durante muito tempo não podia falar sobre minha sexualidade por medo de perder trabalhos. Hoje, felizmente, interpreto personagens homo e heterossexuais com liberdade — e isso é motivo de celebração. Ainda há muito a avançar, tragédias acontecem e mentalidades precisam mudar. Mas também é justo reconhecer os progressos.

***Como foi a preparação para interpretar o Fernando, considerando a dimensão social do HIV e a carga emocional de quem quebra leis para salvar vidas?***

Essa história me afetou profundamente. Carregava preconceitos e desconhecimento sobre aids/HIV, e poder abordá-los pelo meu trabalho me ajudou a desmistificar o tema. Participei de um treinamento em cabine de voo com comissários da época. Foi um processo intenso e muito enriquecedor.

***Como você se sente fazendo parte dessa homenagem ao legado de pessoas que morreram vítimas de aids e foram invisibilizadas?***

É o segundo trabalho meu sobre AIDS/HIV; o primeiro foi *Os Primeiros Soldados*. Sempre achei essencial honrar quem veio antes, especialmente aqueles que lutaram nesse *front* e nos possibilitaram estar aqui hoje. Sem respeitar essas pessoas, o trabalho perde profundidade.

---

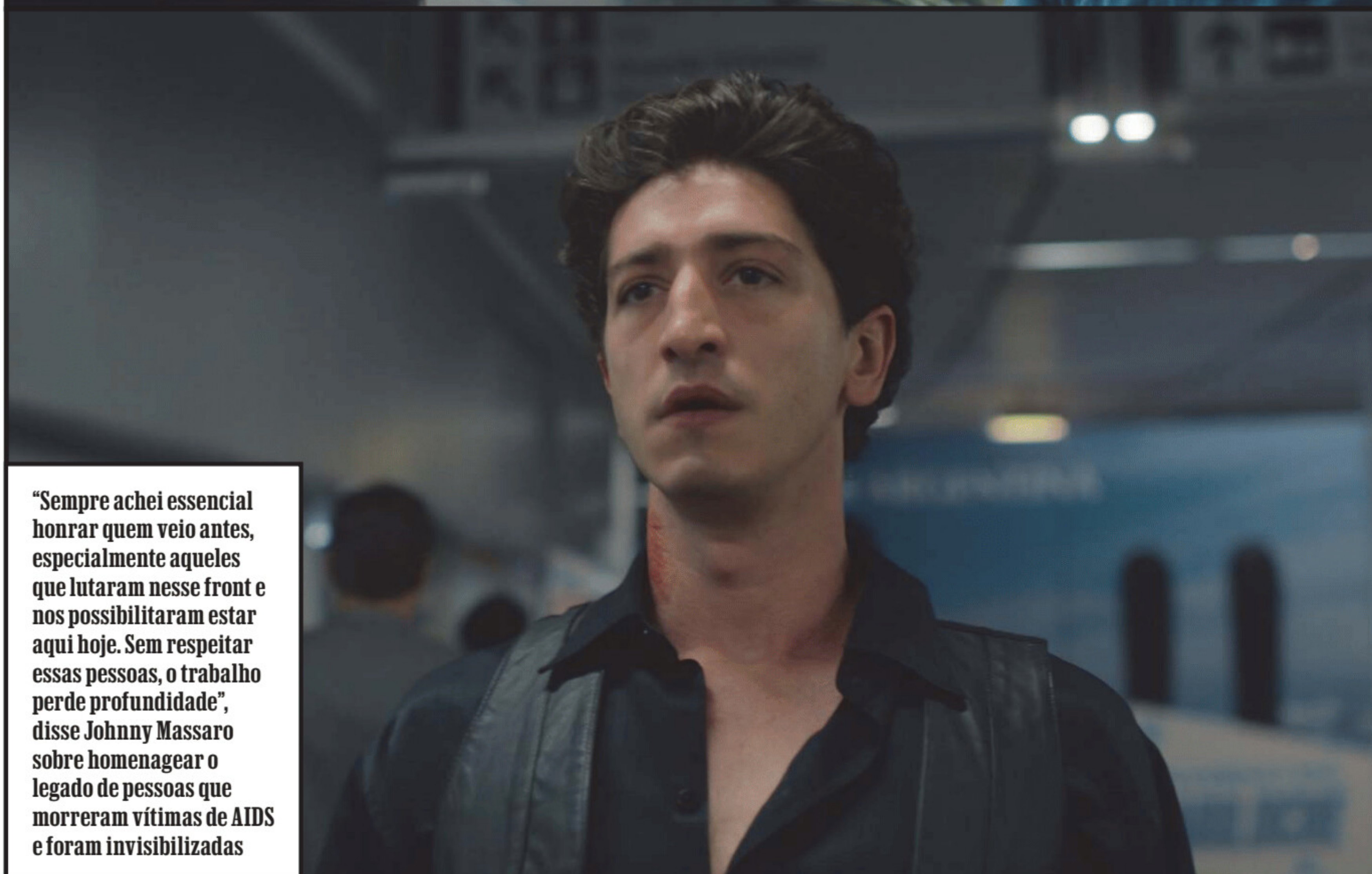
## **PRECISAMOS ATUALIZAR A PERCEPÇÃO SOBRE VIVER COM HIV. HOJE, QUEM ESTÁ EM TRATAMENTO TEM EXPECTATIVA DE VIDA IGUAL OU MAIOR DE QUE QUEM NÃO VIVE COM O VÍRUS, E NÃO TRANSMITE A DOENÇA**

---

***Como foi receber a direção da Carol e do Marcelo?***

O mais importante pra mim é quem está comigo contando a história. Marcelo é um cineasta que sempre admirei, e a Carol se tornou uma parceira incrível. Trabalhar com eles foi uma honra, especialmente porque foi a primeira série do Marcelo e ele conhece intensamente aquela época. A direção deles é delicada e precisa, e o resultado confirma como conseguiram retratar a época com autenticidade e emoção.





“Sempre achei essencial honrar quem veio antes, especialmente aqueles que lutaram nesse front e nos possibilitaram estar aqui hoje. Sem respeitar essas pessoas, o trabalho perde profundidade”, disse Johnny Massaro sobre homenagear o legado de pessoas que morreram vítimas de AIDS e foram invisibilizadas

FOTOS: DIVULGAÇÃO HBO



***A série também conta com um elenco de peso. Como foi contracenar com esses atores e como era a convivência nos ensaios?***

O que me emociona nesse projeto é reencontrar Bruna Linzmeyer e Ícaro Silva, artistas que conheço há mais de 15 anos. Já interpretamos de tudo juntos, e aqui, nesse trabalho queer, essa parceria ganhou uma carga especial. A amizade e a confiança se refletem na tela. E o elenco todo — Hermila Guedes, Kika Sena, Verónica Valentino — é simplesmente incrível.

***Desde Os Primeiros Soldados, seu primeiro projeto após falar abertamente sobre sua sexualidade, você sente mais liberdade para escolher e interpretar papéis?***

Acho que, como artista, precisamos nos comprometer com a nossa verdade — descobrir, honrar e viver o que é verdadeiro para nós. Falar livremente sobre quem somos nos torna artistas mais coerentes e consistentes. Quanto mais o tempo passa, mais dúvidas surgem, e não me coloco em gavetas como “gay” ou “bi”. Eu celebro poder falar sobre isso, porque durante muito tempo não foi possível. E mesmo assim, consigo viver personagens héteros, homo... e a vida segue.

***Bom, você está com vários projetos, né? Poderia falar quais são e como você concilia tudo isso?***

É muita coisa [risos]. A gente se vê num lugar que sempre sonhou estar, mas esquece de celebrar o caminho que fez pra chegar até aqui. Mesmo assim, a insegurança nunca some.

Além de *Máscaras*, estreia ainda este ano *O Filho de Mil Homens*, inspirado no livro de Walter Hugo Mãe, que amo. Acabamos de gravar *Emergência Radioativa* para a Netflix, baseada em fatos reais do “Césio 137” em Goiânia, deve estrear no próximo ano. Também participei de *Delegado*, série da CinemaScópio em Recife, com Alice Carvalho.

***Johnny, para finalizar, tem algum papel ou história que você ainda sonha em contar?***

Tem, com certeza. Muitas, na verdade. Estou aberto ao que vier: se a história for boa e a equipe também, bora lá. Ainda há muita história boa para ser contada. 

**HOJE, FELIZMENTE, INTERPRETO PERSONAGENS HOMO E HETEROSSEXUAIS COM LIBERDADE — E ISSO É MOTIVO DE CELEBRAÇÃO. AINDA HÁ MUITO A AVANÇAR, TRAGÉDIAS ACONTECEM E MENTALIDADES PRECISAM MUDAR. MAS TAMBÉM É JUSTO RECONHECER OS PROGRESSOS**



# “O ROCK MORRE SE NÃO HOUVER RENOVAÇÃO”

The Hives, banda sueca que se descreve como “sua nova favorita”, discute seu novo álbum, celebra interesse dos jovens por seu som e fala sobre heavy metal sueco

Por Igor Miranda



FOTO: KRISTY SPAROW/GETTY IMAGES

“Fazemos um rock realmente ótimo. ‘Quando eles vão inventar algo novo?’ Não deveríamos, porque gostamos de vencer”, diz Howlin’ Pelle Almqvist



Vigilante Carlstroem  
é guitarrista do The  
Hives desde 1993

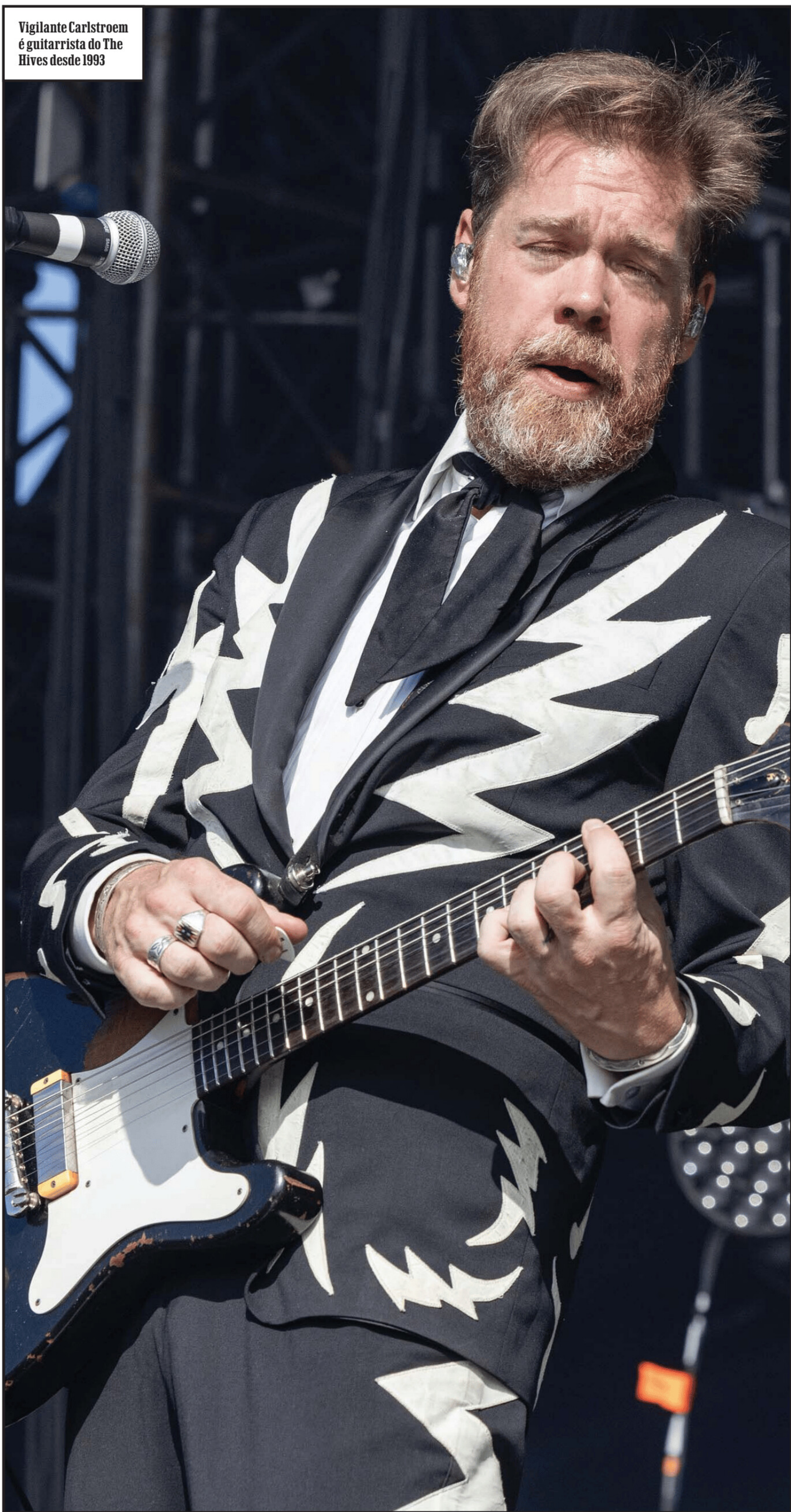


FOTO: BARRY BRECHEISEN/GETTY IMAGES



**E**m abril, todos os membros do The Hives estiveram no Brasil. Não havia show marcado. Naturalmente, foram recebidos pela *Rolling Stone Brasil* com a pergunta: “Que porra vocês estão fazendo aqui, caras?”.

Com a eloquência de um vocalista acostumado a enlouquecer plateias, Howlin’ Pelle Almqvist responde: “As pessoas estão até reclamando que demoramos demais para voltar”. Ele e os colegas — os guitarristas Nicholaus Arson e Vigilante Carlstroem, o baterista Chris Dangerous e o baixista The Johan and Only — estiveram no Brasil em

outubro de 2024, realizando o último show da turnê do disco de estúdio anterior, *The Death of Randy Fitzsimmons* (2023).

À época desta entrevista, o quinteto sueco, notório por seu rock and roll ardido e de fácil assimilação, sequer havia revelado que ainda voltariam, de novo, em fevereiro de 2026, para shows. Eles abrirão para o My Chemical Romance em São Paulo.

Mas o sétimo álbum de estúdio do grupo estava devidamente anunciado. Foram quatro longos meses até *The Hives Forever Forever The Hives* chegar, no fim de agosto. Ouça-o em som alto ao ler a entrevista a seguir.



Christian Grahn, também conhecido como Chris Dangerous, comanda a bateria da banda

FOTO: BARRY BRECHEISEN/GETTY IMAGES



**SOM PESADO**  
Niklas Almqvist  
recomenda  
Entombed, banda  
sueca de death metal

FOTO: BARRY BRECHEISEN/GETTY IMAGES



***The Hives Forever Forever The Hives chega a público após o menor intervalo entre álbuns na sua carreira como banda — dois anos. O que fez vocês trabalharem diferente dessa vez? Randy Fitzsimmons [suposto empresário e compositor “falecido” antes do disco anterior] está de volta?***

Howlin' Pelle Almqvist: Randy Fitzsimmons não está, mas talvez tenhamos descoberto como fazer isso mais rápido. Achamos que seria legal acelerar, já que antes de *The Death of Randy Fitzsimmons*, ficamos 10 anos sem música nova. Nivelamos as lacunas em nossa discografia.

***Algumas das músicas deste novo álbum já existiam desde o anterior. Quais existiam há um tempo e quais são mais novas?***

Pelle: Acho que a coisa mais antiga no disco é o riff que começa ‘Roll Out The Red Carpet’. É das sessões de *Tyrannosaurus Hives* (2004), 21 anos atrás. Há uma música chamada ‘Paint a Picture’ que tocamos ao vivo por anos. Tocamos ‘Bad Call’ numa versão talvez uma década atrás. E há outras totalmente novas.

***The Hives Forever Forever The Hives é, musicalmente, de alguma forma uma extensão do último? Ou vocês veem alguma diferença?***

Pelle: Foram feitos para serem diferentes, mas não acho que tenham saído diferentes. Não podemos escapar de ser The Hives. É como se Vini Jr. marcasse gols o tempo todo. Quando ele virá com algo novo? É assim com The Hi-

ves. Fazemos um rock realmente ótimo. ‘Quando eles vão inventar algo novo?’ Não deveríamos, porque gostamos de vencer. Então, vamos continuar vencendo soando como The Hives.

---

**“PENSAMOS EM QUEM TEM OS DISCOS MAIS LEGAIS DA HISTÓRIA. E A RESPOSTA É: BEASTIE BOYS. QUERÍAMOS QUE NOSSO DISCO SOASSE LEGAL, ENTÃO LIGAMOS PARA MIKE D. FOI INCRÍVEL”**  
**PELLE ALMQVIST**

---

***Fiquei surpreso ao saber que Mike D, dos Beastie Boys, foi um dos produtores do álbum. Como vocês chegaram a essa ideia?***

Pelle: Pensamos em quem tem os discos mais legais da história. E a resposta é: Beastie Boys. Queríamos que nosso disco soasse legal, então ligamos para Mike D. Foi incrível. Já toda a equipe que trabalhou no álbum era a mesma desde 1997. Pelle Gunnerfeldt, que produziu a maior parte dele, produziu nosso primeiro LP.



Johan Gustavsson  
usa o nome artístico  
The Johan and  
Only no The Hives



FOTO: JWI ONODERA/REDFERNS



Abaixo, The Hives em show no festival *Road To Rio Babel*, em junho de 2024



***Vocês também tiveram orientação de Josh Homme do Queens of the Stone Age durante as gravações. Como ele deu esse tipo de conselho e qual foi a maior contribuição?***

Chris Dangerous: Pelle conversou bastante com ele por telefone e e-mail. É um amigo de longa data e é muito bom nessa coisa chamada rock. Perguntamos a Josh o que ele achou de algumas coisas, mas ele não está no disco: apenas deu um conselho amigável.

Pelle: [A maior contribuição foi sugerir] que os backing vocals deveriam soar altos, mas distan-

tes. Cortando o microfone, como os Beastie Boys.

***Vocês se autodenominam “ainda sua nova banda favorita”. Brincadeiras à parte, sinto que vocês ainda são tratados como uma banda nova. Isso é bom ou ruim para vocês?***

Nicholaus: É bom. Somos tratados assim porque somos tão bons que as pessoas não conseguem acreditar. Sempre acham que é novidade, mas não é: um ótimo rock and roll é um ótimo rock and roll. Isso vai te atingir na cara, te deixar suado e o que mais vier de uma boa festa.



Vigilante Carlstroem  
do The Hives no  
The Warfield em  
setembro de 2025





"O rock and roll morre se não houver renovação do público", analisa o vocalista do The Hives





***Pelle disse em outra entrevista que já consegue ver o público do The Hives se renovar. Muitos jovens estão conhecendo a banda agora. Como The Hives é uma banda de espírito jovem, quão importante é essa renovação para vocês?***

**Pelle:** É tudo para nós. Todo ano precisamos ter uma nova geração de jovens de 15 anos conosco. É como se fôssemos vampiros: isso nos mantém jovens. O rock and roll morre se não houver renovação do público. Vimos muitas das nossas bandas favoritas seguirem um caminho onde o público é composto das mesmas pessoas, mas cada vez menos delas, e elas estão cada vez menos animadas. Não dá para sustentar sua carreira se isso acontecer. Então, temos muita sorte por termos um bom crescimento. Os únicos que tiveram várias gerações de fãs foram Bruce Springsteen e Iron Maiden, talvez. E, agora, nós.

***Vocês são da Suécia e, além de vocês, tudo que conheço da música sueca é Abba e hard rock/heavy metal. Vocês gostam dessas bandas suecas de som pesado? Qual a favorita de cada um?***

**Pelle:** Sim, há muitas bandas boas. Somos o meio-termo entre Entombed, Meshuggah, Abba e At the Gates. Entombed é minha favorita.

**Chris:** Refused.

**The Johan and Only:** The Soundtrack of Our Lives.

**Vigilante Carlstroem:** Entombed.

**Nicholaus:** Se estamos falando de som pesado, Entombed.

---

**“TODO ANO  
PRECISAMOS TER  
UMA NOVA  
GERAÇÃO DE  
JOVENS DE 15 ANOS  
CONOSCO. É COMO  
SE FÔSSEMOS  
VAMPIROS: ISSO  
NOS MANTÊM  
JOVENS”  
PELLE ALMQVIST**

---

***Veni Vidi Vicious está completando 25 anos em 2025. Foi o álbum que nos deu algumas de suas músicas mais populares, como “Hate To Say I Told You So” e “Main Offender”. Olhando para trás, como vocês veem aquele álbum hoje?***

**Pelle:** O início de tudo. Lançamos nosso primeiro disco, *Barely Legal* (1997), prensaram 500 cópias e estavam preocupados se iriam vender todos eles. Daí, fizeram 1,5 mil cópias de *Veni Vidi Vicious*. E acho que vendeu milhões. Não sabíamos se alguém iria gostar, mas colocamos tudo nosso ali. Esse disco é a razão de estarmos aqui hoje. Foi ali que encontramos nosso som. *Barely Legal* é como aquela banda de flauta hippie esquisita em que Bon Scott estava antes do AC/DC [nota: Fraternity]. 